

Carismas e Inovação Social

Mercado e Gratuitidade dos Dons nas Elites do Porto Oitocentista

Congresso O Porto Romântico

CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes

Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa

30 de Abril de 2011

SUMÁRIO:

I - O Problema.

II – A Revisão Bibliográfica.

III – A Hipótese.

IV – Principais Fontes Referenciadas.

V – A Investigação.

VI – A Interpretação dos Resultados.

VII – A Conclusão.

I – O Problema

Esta comunicação parte da **questão metodológica** da investigação do economista Luigino Bruni (2010):

“Será possível manter a gratuidade juntamente com os incentivos e as dinâmicas do mercado e da empresa?”

a que ele responde:

“Penso que o grande desafio de toda a convivência humana é não sair do território da gratuidade, (...) sem contudo cair na armadilha da nostalgia do mundo pré-moderno, ou do comunitarismo pós-moderno (2007)”.

Na verdade, diz este investigador, o mercado foi tendencialmente encarnando os princípios da igualdade e da liberdade, com exclusão do da fraternidade.

No entanto, o seu desenvolvimento trouxe o da sociedade civil, já não baseada tanto em dádivas e sacrifícios, mas sobretudo, em contratos e convenções (L. Bruni).

Difícil é para nós hoje compreendermos toda a amplitude e profundidade do significado cultural desta lenta revolução que o mercado foi introduzindo na Europa, a partir dos finais do século XI.

Tratou-se, na realidade, de salvar as relações interpessoais e personalizadas dos efeitos de poderes, umas vezes despóticos e discricionários e dadivosos, outras, formalizando-as em vantagens contratuais justas, anónimas e recíprocas.

Esta questão é discutida, do **ponto de vista prático**, com referência comparativa e analógica - própria da Antropologia -, aos contextos fundacionais de uma sociedade comercial de vinhos do Porto e de uma sociedade de concertos orfeónicos na segunda metade do Porto de oitocentos.

As sociedades “comerciais” (caso da *Sociedade Agrícola e Commercial dos Vinhos do Porto (1898-1987)*), que o desenvolvimento do mercado cria, estão libertas das relações assimétricas e hierárquicas da pré-modernidade e organizadas agora em relações económicas impessoais e anónimas que procuram garantir com justiça, a igualdade e a liberdade de todos os agentes económicos nelas envolvidos (Gomes de Araújo 2001 *A Casa Ferreira*, Quetzal Editores, tese de PhD).

Comparativamente com estas empresas e com as suas relações económicas impessoais e anónimas, sociedades musicais como o *Orpheon Portuense (1881-2008)*, foram organizadas segundo relações personalizadas, baseadas em vínculos fortes e criativos que lembram as das “comunidades carismáticas”.

Se em ambas se verifica um crescente predomínio do mercado, tal não exclui a existência em ambas, de actividades não instrumentais, mas antes, intrinsecamente motivadas de que resultam “bens relacionais”.

Na verdade, quer o **vinho** quer a **música**, concitam em torno de cada um deles actividades identitárias, gratuitas, recíprocas e intrinsecamente motivadas que, podem ser considerados “bens (e não mercadorias) relacionais” (L. Bruni).

Embora se trate de duas instituições diferentes,
uma agrícola e comercial, e outra musical,

ambas resultam da acção de duas personalidades carismáticas dos meios empresarial e artístico do Porto e do Norte: D. Antónia Adelaide Ferreira (1811 - 1896) e Bernardo Valentim Moreira de Sá (1853 - 1924) .

tendo ambas sido criadas nesta cidade, nas duas últimas décadas de oitocentos.

Esta questão é discutida, do **ponto de vista teórico**, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o conceito de **carisma** – tópico escolhido para esta pesquisa.

II – A Revisão Bibliográfica

O termo carisma provem do gr. *khárisma* que denomina um dom da graça (gr. *kháris*, alegria) divina.

Como dizia Max Weber, os carismas têm missões divinas, e a sua legitimidade advém da força pessoal de quem os transporta e que está sendo constantemente submetida à prova.

Como ele repete e bem, o líder carismático:
gains and retains (his authority) solely by proving his power in practice. (...). Most of all, his divine mission must prove itself by bringing well-being to his faithful followers (Weber:1114).

Podemos assim dizer que o líder carismático e os seus seguidores criam “bens relacionais” (L. Bruni) já acima referenciados.

Com efeito, o portador do carisma goza de lealdade e de autoridade em virtude da missão que os seus discípulos acreditam estar incorporada nele.

Neste sentido, “charismatic domination is also the opposite of bureaucracy in regard to its economic substructure. Bureaucracy depends on continuous income (...), but charisma lives in, not off, this world”. (Weber:1113).

Como ele dizia: *As a rule, charisma is a highly individual quality. This implies that the mission and the power of its bearer is qualitatively delimited from within, not by an external order (Weber:1113).*

O poder revolucionário do carisma, manifesta-se assim “por dentro”, a partir de uma *metanoia* central das atitudes dos seus seguidores, enquanto que uma organização racional revoluciona a partir de “fora” (Weber: 1117).

Como dizia Max Weber: *In this purely empirical and value-free sense charisma is indeed the specifically creative revolutionary force of history* (1117).

E adverte que embora a sua missão não seja necessariamente e sempre revolucionária, ela inverte, na maioria das formas carismáticas, todos os valores hierárquicos e derruba costumes, leis e tradições.

A questão que neste *hic et nunc* emerge é: não é o movimento carismático um movimento romântico?

III – A Hipótese

A **hipótese** de interpretação que é formulada é a de a inovação social que as duas sociedades – agrícola e comercial, uma e musical, a outra -, significaram na época, em muito se ter ficado a dever ao carisma dos seus principais fundadores.

IV – Principais Fontes Referenciadas.

Para Dona Antónia Adelaide Ferreira

Gomes de Araújo, Henrique Luís 2001 *A Casa Ferreira*, Lisboa, Livros Quetzal.

Pereira, Gaspar M. e Olazabal, Maria Luísa Nicolau de Almeida 1996 *Dona Antónia* Porto: Edições ASA.

Para Bernardo Moreira de Sá

Sá e Guerra, Rui Moreira de 1997 *Bernardo Valentim
Moreira de Sá*, Porto: Fundação Eng. António de
Almeida.

Vários, 1947 *In Memoriam*, Porto: Livraria Tavares
Martins

Dados biográficos de Dona Antónia Adelaide Ferreira

Anos 40 – A recusa de vir para a casa da Rua do Vilar.

1845 - Após a morte do 1º marido, A. B. F.(I), deixa a Casa de Vilar, reúne Conselho de Família e fica cabeça de casal, pagando as dívidas daquele.

Anos 50 – A atitude perante a tentativa de rapto de sua filha Maria da Assunção, a mando do Duque de Palmela.

Em 1856 - O casamento com Francisco Torres, o regresso a Portugal e a assunção da direcção da empresa.

Anos 60 - A atitude perante a crise filoxérica.

A construção de quilómetros de estradas, do Hospital da Régua, das Caldas de Moledo, etc.

Anos 80 – Depois da morte do 2º marido, Francisco Torres, a replantação pós-filoxérica do vinhedo regional, a fundação da Quinta do Vale do Meão, a atitude perante os exportadores na “Questão do Douro”.

Anos 90 - A atitude perante o destino da Casa: a criação da *Sociedade Agrícola e Commercial dos Vinhos do Porto* (1898) e a acção do Conselheiro Wenceslau de Lima.

Dados biográficos de Bernardo Moreira de Sá

1874 – criação da *Sociedade de Concertos*

“ (...) era sempre Moreira de Sá quem promovia ou adquiria obras novas que, obviamente, submetia à aprovação dos restantes membros. Porém, não raro esperava desilusões. Ele mantinha a aspiração ardente, sem uma quebra, de um verdadeiro apóstolo, ao invés do que se verificava nos outros.” (1997:38).

1883 – Sociedade de Música de Câmara

1884 – Quarteto Moreira de Sá

“Moreira de Sá é realmente um autêntico e nobre talento e os novos que o acompanham, cheios de entusiasmo e fé no mestre, seguem na sua luminosíssima esteira, mercê das suas excepcionais aptidões (...)” (Jornal do Comércio de 22.11.1898, cit em 1997: 44)

1881 - fundação do *Orpheon Portuense*

sociedade de instrução musical composta exclusivamente por amadores e sócios honorários.

A 1ª sessão em 4.03.1882 na Assembleia Portuense
com *Jesus Ouvrier* de Beethoven e *Chanson des
Vandanges* de Mendelsohn.

“ Sus multiples dotes de maestro director, violinista y pedagogo, nos revelan la grand capacidad de su talento, aumentado por el amor al estudio que profesó toda su vida. Si á ello añãdimos el intensissimo amor que profesaba à su país, no es de extranãr el grand impulso que dió`a nuestra arte en Portugal, iniciando al público en la música de cámara y en la sinfónica y e convertindose en el promotor del movimiento musical de su tierra” (In Memoriam: 21-22).

“Com a sua universal cultura e o seu extraordinário método de trabalho, organizou para essa sua querida escola (o Conservatório de Música do Porto) um programa de estudos tão judicioso que, tendo eu que reformar os programas do Conservatório de Lisboa em 1919, me bastou cingir-me ao plano por ele delineado” (1947: 13) .

“Mesmo na organização da Sociedade de Concertos de Lisboa, por mim fundada em 1917, pois foi o seu querido discípulo e amigo Alberto Leão, que compôs os estatutos, seguindo o modelo do Orpheon Portuense”
(1947: 15).

“O seu prestígio moral e intelectual infundia respeito a todos, mas um respeito fácil, sem constrangimento (...). A disciplina não pesava como imposição regulamentar; nascia do ambiente moral em que se vivia”. (1947: 103 a 107?).

“(...) De idade avançada já e morando longe, era dos primeiros a chegar a tomar o seu posto. Da sua assiduidade falam os documentos. Manhãs ásperas de inverno não o atemorizavam nem impediam de, pontualmente, às nove horas, assumir os deveres do seu cargo, ele, já alquebrado de anos e de doença” (1947: 103 a 107?).

VI - A Interpretação dos Resultados

Em ambos os casos, a **inovação social** que as instituições fundadas representam, resulta de movimentos de **confiança** dos seguidores da acção e da palavra de duas personalidades que assim se revelaram dotadas de **carisma**.

VII – A Conclusão

A história destas duas sociedades mostra-nos – e esta é uma conclusão possível – que a gratuitidade dos dons é compatível com as dinâmicas do mercado, como sugere Bruni.

O que fica em aberto é o sentido do *kairos*, desse tempo inesperado de ruptura com contextos de injustiça que a manifestação dos carismas veio corporizar.

Antropólogos, historiadores, teólogos são convocados a esse debate.